

## **DESAFIOS E CONQUISTAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA IMIGRANTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID**

Mariana Fernanda dos Santos<sup>1</sup>  
Eline Caroline Soares da Cruz Peres<sup>2</sup>  
Maria José Máximo<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Unespar, campus Paranavaí, em uma escola pública de educação básica, com uma criança haitiana não falante da língua portuguesa, inserida em um grupo de alunos em processo inicial de alfabetização. O contexto da experiência evidenciou dificuldades na compreensão e na expressão oral em português, o que impactava sua participação nas atividades escolares tradicionalmente orientadas pelo cumprimento de metas padronizadas. Diante dessa realidade, o objetivo do estudo consiste em analisar como práticas pedagógicas lúdicas e interativas contribuíram para enfrentar as dificuldades no processo de alfabetização, destacando os desafios e as conquistas ao longo do percurso escolar. A metodologia fundamenta-se em concepções de alfabetização e linguagem estudadas no âmbito universitário, que nortearam o planejamento, as intervenções pedagógicas e a análise dos resultados. As intervenções visaram à construção de experiências significativas com a nova língua, por meio de jogos, atividades literárias e musicais, com estímulo à comunicação oral, ao registro escrito e à ampliação do vocabulário. As tarefas foram desenvolvidas de forma coletiva e individual, mediadas pelas pibidianas. Os resultados indicam avanços na compreensão oral, maior envolvimento nas atividades propostas e progressos no reconhecimento de palavras e seus significados, em diálogo com os estudos de Lima (2002) e Soares (2020). Observou-se, ainda, o aumento da autonomia e o fortalecimento da autoestima da criança. Conclui-se que práticas pedagógicas diversificadas e lúdicas desenvolvidas no PIBID favorecem uma alfabetização mais acolhedora e sensível às necessidades da criança imigrante, contribuindo também para a formação dos futuros alfabetizadores.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Práticas intencionais, Linguagem.

### **INTRODUÇÃO**

O processo de alfabetização constitui-se como uma etapa fundamental da escolarização, uma vez que envolve não apenas a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, mas também aspectos sociais, culturais, afetivos e linguísticos que atravessam o

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR, [mariana.acad25@gmail.com](mailto:mariana.acad25@gmail.com).

2 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR, [Elinecarolinesoarescruz@gmail.com](mailto:Elinecarolinesoarescruz@gmail.com)

3 Professora orientadora: Mestre em Ensino, Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí – UNESPAR, [mj.maximo@hotmail.com](mailto:mj.maximo@hotmail.com)

desenvolvimento da criança. Trata-se de um processo intencional, construído por meio de mediações pedagógicas, que possibilita a inserção do sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita e não ocorre de forma espontânea ou genética (Sérkez; Martins, 1994).

No contexto da escola pública brasileira, a alfabetização apresenta desafios ainda mais complexos diante da presença de crianças imigrantes, que chegam às instituições escolares trazendo outras línguas, culturas e formas de se expressar. Para essas crianças, o ingresso no processo de alfabetização ocorre, muitas vezes, sem o domínio da oralidade em língua portuguesa, o que amplia as dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, limita a participação nas atividades propostas e pode gerar sentimento de insegurança, receio e silenciamento. Nesse sentido, as barreiras linguísticas intensificam os desafios já existentes no processo alfabetizador, exigindo práticas pedagógicas sensíveis às singularidades das trajetórias infantis.

Quando o ensino se pauta exclusivamente em propostas padronizadas, centradas no cumprimento de metas e na reprodução de exercícios, desconsideram-se as experiências culturais, linguísticas e afetivas da criança imigrante. Tal postura compromete a construção de aprendizagens significativas, o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos e o sentimento de pertencimento ao espaço escolar, elementos fundamentais para o desenvolvimento da leitura e da escrita (Lima, 2002).

Diante desse cenário, a oralidade assume papel central no processo de alfabetização, pois potencializa o desenvolvimento da leitura e da escrita. A linguagem oral possibilita a comunicação, a construção de significados e a participação ativa da criança nas práticas escolares, constituindo-se como base para a apropriação da língua escrita (Lima, 2002). Práticas pedagógicas lúdicas, interativas e intencionalmente mediadas favorecem a ampliação do repertório linguístico, a imaginação e a apropriação cultural, criando condições para que a criança imigrante enfrente seus desafios e conquiste avanços no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, o professor assume papel fundamental como mediador do processo educativo, sendo responsável por planejar situações de aprendizagem que instigam o processo de apropriação de leitura e escrita, as necessidades e as experiências das crianças. Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar como práticas pedagógicas lúdicas e interativas, desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), contribuíram para enfrentar as dificuldades de uma criança imigrante no processo de alfabetização. Especialmente aquelas relacionadas à ausência de oralidade em língua

portuguesa, evidenciando seus desafios iniciais e as conquistas alcançadas ao longo do percurso escolar. Trata-se, portanto, de um relato de experiência, focado em intervenções que sejam incisivas no processo de alfabetização, desenvolvendo, no contemplado, aspectos educacionais e os contextos sociais e culturais. Que busca contribuir para reflexões sobre práticas alfabetizadoras mais humanizadas, inclusivas e comprometidas com o direito à aprendizagem.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de alfabetização envolve múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil e não se limita ao domínio pragmático da leitura e da escrita. Segundo Magda Soares (2020, p. 27), a alfabetização refere-se à apropriação da “[...] tecnologia da escrita”, compreendida como um conjunto de técnicas necessárias para a prática da leitura e da escrita, tais como o reconhecimento das letras, a relação entre fonemas e grafemas e as convenções do sistema de escrita alfabética. Trata-se de um processo intencional, sistematizado e socialmente construído, que exige mediação pedagógica qualificada.

Entretanto, a autora destaca que alfabetizar não é suficiente se esse processo não estiver articulado ao letramento, entendido como o uso social da língua escrita. O letramento diz respeito à capacidade de o sujeito utilizar a leitura e a escrita em práticas sociais e pessoais significativas, com diferentes objetivos, como informar, informar-se, comunicar-se e registrar experiências. Dessa forma, alfabetização e letramento configuram-se como processos distintos, porém indissociáveis, especialmente nos anos iniciais da escolarização, com o foco em alunos imigrantes.

Essa articulação torna-se ainda mais complexa quando se trata da alfabetização de crianças imigrantes, cuja língua materna não é o português. No contexto deste estudo, a criança haitiana, falante de crioulo haitiano, ingressa na escola brasileira sem domínio da língua portuguesa, o que impacta diretamente sua compreensão oral, sua participação nas atividades escolares e, conseqüentemente, seu processo de alfabetização. Se crianças falantes nativas do português já enfrentam dificuldades para se apropriar da escrita, tais desafios são potencializados quando a alfabetização ocorre em uma língua que não corresponde à língua materna do aluno.

Nesse sentido, Lima (2002, p. 04) enfatiza, que: “A escrita por sua vez, sendo um produto cultural depende do ensino intencional e organizado, pois não realiza através da herança genética[...]”, ou seja, a escrita não é genética, mas construída social e culturalmente, sendo resultado de práticas intencionais e significativas. A autora defende que a aprendizagem da leitura e da escrita deve estar relacionada com a necessidade real da criança, para isso é necessário a promoção da mesma, apontando a criança qual o melhor caminho, estabelecendo relação com sua vivência cotidiana, sua cultura e sua linguagem. Para a criança imigrante, esse princípio torna-se ainda mais relevante, uma vez que o processo de alfabetização precisa considerar não apenas os aspectos técnicos da escrita, mas também o processo de inserção linguística e cultural.

A oralidade ocupa papel central nesse percurso, pois a leitura e a escrita constituem-se como uma continuidade da linguagem oral. Conforme Lima (2002), a criança aprende a ler e a escrever para registrar aquilo que pensa, fala e sente, ampliando suas possibilidades de expressão e comunicação. Dialogando com Sérkes e Martins (1994) em que aponta em seus estudos que a escrita foi criada pela necessidade de viver em comunidade, garantindo sua sobrevivência. Assim, o estímulo à oralidade em língua portuguesa é um fator fundamental para o avanço no processo de alfabetização, sobretudo no caso de alunos não falantes da língua de escolarização. Sem experiências significativas de escuta e fala, a apropriação da escrita torna-se fragmentada e pouco funcional.

A experiência desenvolvida ocorreu em uma escola pública situada em contexto de periferia, marcada por desafios sociais. Nesse cenário, as crianças atendidas apresentavam vivências marcadas pelas desigualdades sociais, culturais e econômicas, as quais impactam diretamente sua relação com a escola e com os processos de ensino e aprendizagem. Diante dessa realidade, as intervenções pedagógicas buscaram ir além do ensino técnico da leitura e da escrita, articulando a apropriação do sistema de escrita alfabética à valorização de aspectos sociais e culturais presentes na rotina dos alunos, foram considerados como pontos de partida para o planejamento das atividades. As atividades propostas estabeleceram relações entre as experiências vividas pelas crianças e a prática de ler e escrever, favorecendo a construção de sentidos e o reconhecimento da função social da linguagem escrita. Dessa forma, a alfabetização foi compreendida como um processo que integra o domínio da leitura e da escrita à formação social e cultural do sujeito, promovendo maior engajamento, participação e significado nas práticas educativas.

As práticas pedagógicas tradicionais, frequentemente orientadas por propostas padronizadas e pelo cumprimento de metas homogêneas, tendem a desconsiderar as singularidades das crianças, suas experiências culturais e suas necessidades linguísticas. Em contextos marcados pela diversidade, como o de uma escola de periferia que atende crianças imigrantes, tais práticas revelam-se insuficientes e excludentes, pois privilegiam atividades mecanizadas e descontextualizadas, que pouco dialogam com a realidade dos alunos.

Neste viés, os encontros do PIBID configuraram-se como espaços de reflexão e superação dessas práticas, possibilitando a construção de intervenções pedagógicas intencionais, lúdicas e significativas. As atividades desenvolvidas buscaram romper com modelos tradicionais, centrados na repetição e na padronização, promovendo experiências que integraram oralidade, leitura e escrita em situações socialmente significativas, respeitando os diferentes percursos de aprendizagem e favorecendo uma alfabetização mais inclusiva e humanizada.

O papel do professor, (o pibidiano) nesse contexto, é o de mediador cultural, responsável por criar situações pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral, da leitura e da escrita de forma integrada. Lima (2002) destaca a importância do vínculo afetivo entre professor e aluno, bem como da realização de sondagens iniciais, que permitem identificar os conhecimentos prévios da criança e orientar o planejamento das intervenções pedagógicas. Atividades com continuidade, o uso de materiais adequados, como o alfabeto móvel, o contato frequente com livros e a valorização da imaginação configuram-se como estratégias potentes no processo de alfabetização. Desse modo, buscamos estudar esses fatores, para oferecer para essa criança haitiana, recursos intencionais para sua apropriação de leitura e escrita.

No âmbito do PIBID, práticas pedagógicas lúdicas e interativas, como jogos, atividades literárias e musicais, possibilitam a construção de experiências significativas com a nova língua, favorecendo a ampliação do vocabulário, a comunicação oral e o registro escrito. Tais práticas contribuem não apenas para o avanço no reconhecimento de palavras e seus significados, mas também para o fortalecimento da “[...] ‘auto-estima’ do aluno se modifica quando ele sente que aprendeu” (Lima, 2002, p. 28) e da autonomia da criança, aspectos fundamentais para uma alfabetização inclusiva e sensível às diferenças linguísticas e culturais.

## **METODOLOGIA**

O estudo aponta sobre um relato de experiência, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto do curso de Pedagogia contemplando o processo de alfabetização. As intervenções acontecem em uma escola pública de educação básica, em grupos de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental em processo de alfabetização com destaque para uma criança haitiana não falante da língua portuguesa.

Os procedimentos metodológicos iniciaram com a observação da rotina escolar e realização da sondagem diagnóstica, com o intuito de identificar os conhecimentos prévios da criança em relação à linguagem oral e escrita. A partir desses dados, foram realizados estudos no campus, planejamentos, para a aplicação de atividades intencionais. Por meio dos estudos, realizamos planejamentos que contemplavam práticas coletivas e individuais, inicialmente com foco no desenvolvimento de afetividade entre pibidiana-alunos.

As intervenções consistiam no desenvolvimento de atividades lúdicas e interativas, como jogos pedagógicos, práticas de leitura literária, atividades musicais e a proposta do registro escrito, com materiais adequados. As ações priorizavam o estímulo à oralidade, ampliação de vocabulário em língua portuguesa e a associação entre práticas de leituras, escrita e fala, ao cotidiano do aluno.

As análises foram baseadas em relatórios de observação, aplicação de intervenção e de estudos. “Avaliamos” os avanços do aluno de forma contínua, sua participação nas intervenções, envolvimento nas atividades, avanços na compreensão oral, o fortalecimento de sua interação entre aluno-alunos, aluno-pibidianas e aluno-alfabetização.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No início da experiência, a criança apresentava dificuldades significativas na compreensão e na expressão oral em língua portuguesa, o que compromete sua participação nas atividades coletivas e sua interação com colegas e professoras. Segundos os estudos das autoras, Aparício *et al.* (2023, p. 103), que refletem sobre a barreira social e apontam, que, “[...] essas barreiras foram [...] um problema que interfere nas relações comunicativas e sociais que envolvem brasileiros e imigrantes haitianos e, portanto, afetam a aprendizagem escolar.”. Ou seja, a barreira linguística evidenciava não apenas um desafio comunicativo,

mas também uma limitação na construção de vínculos e no acesso às propostas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

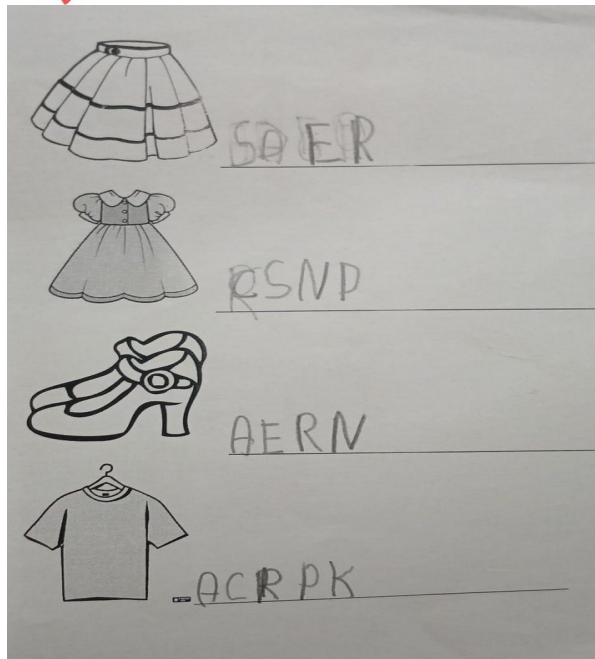
Considerando que a oralidade constitui base estruturante para o processo de alfabetização, as intervenções priorizaram situações de escuta e fala em contextos significativos, como rodas de conversa, atividades musicais, leitura compartilhada e diálogos individuais. Tais práticas foram desenvolvidas de forma intencional, buscando ampliar o repertório vocabular da criança e promover maior segurança na comunicação.

Conforme Lima (2002), a escrita configura-se como continuidade da linguagem oral, sendo por meio da fala que a criança organiza o pensamento e atribui sentido às palavras. No caso de uma criança cuja língua materna é o crioulo haitiano, a consolidação da oralidade em língua portuguesa torna-se condição fundamental para a apropriação da leitura e da escrita. Ao longo das intervenções, observou-se progressiva ampliação do vocabulário, maior compreensão de comandos e aumento da iniciativa comunicativa. A criança passou a participar de forma mais ativa das atividades, demonstrando avanços não apenas linguísticos, mas também socioemocionais.

Para descobrir o nível em que a criança se encontrava, o que já havia alcançado e o que ainda poderia ser desenvolvido, realizamos a sondagem inicial, de acordo com a Figura 01. Segundo, Aparício *et al.* (2023), afirmam que:

[...] o verdadeiro objetivo da sondagem é uma avaliação diagnóstica para identificar o que as crianças já sabem ou não sobre a escrita e poder planejar as intervenções por meio de agrupamentos produtivos, para que as crianças consigam superar as hipóteses que têm da escrita ao longo de seu processo de aprendizagem. (Aparício *et al.*, 2023, p. 97).

Figura 01 – Primeira sondagem aplicada

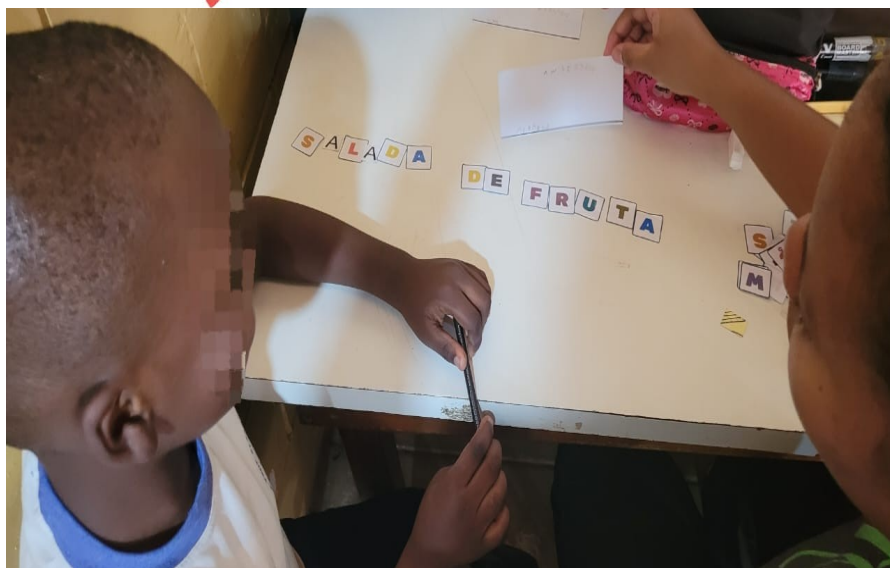


**Fonte:** Acervo pessoal (2025).

Em que indicou que a criança apresentava pouca familiaridade com o sistema de escrita alfabética em língua portuguesa, revelando insegurança diante das propostas de registro escrito. A ausência de domínio da oralidade na língua de escolarização dificultava o estabelecimento de relações entre sons e letras, tornando o processo de alfabetização ainda mais desafiador.

A partir das intervenções desenvolvidas no âmbito do PIBID, especialmente com o uso de alfabeto móvel, jogos de associação palavra-imagem e escrita de palavras significativas, foi possível observar avanços graduais na compreensão da estrutura da língua escrita, assim como encontramos na Figura 02.

Figura 02 – Construção de palavras com o auxílio do alfabeto móvel



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Por meio dessas práticas a criança passou a reconhecer letras do próprio nome, identificar palavras presentes em seu cotidiano e estabelecer correspondências iniciais entre fonemas e grafemas.

De acordo com Soares (2020), a alfabetização implica a apropriação da tecnologia da escrita, processo que exige sistematização e mediação pedagógica constante. No contexto analisado, tal mediação mostrou-se essencial para que a criança compreendesse a função da escrita como forma de registro e comunicação. Os avanços observados indicam que a aprendizagem ocorreu de maneira articulada ao letramento, uma vez que as atividades propostas estavam vinculadas a situações reais e significativas.

O contato frequente com a literatura infantil desempenhou papel relevante no desenvolvimento da criança. Inicialmente, a compreensão das narrativas era limitada, especialmente em virtude da barreira linguística. Contudo, por meio da leitura mediada, da exploração de imagens e da retomada de palavras-chave, foi possível favorecer a construção de sentidos e ampliar o repertório linguístico.

A literatura foi utilizada não apenas como instrumento de decodificação, mas como prática social de letramento, possibilitando à criança experienciar a função comunicativa e cultural da linguagem escrita. Essa abordagem encontra respaldo em Soares (2020), ao afirmar que alfabetizar implica inserir o aluno em práticas sociais de leitura e escrita.

Além dos avanços linguísticos e cognitivos, destacam-se mudanças significativas no comportamento e na postura da criança frente às atividades escolares. No início do processo, a

insegurança e o receio de errar eram perceptíveis, especialmente nos momentos de exposição oral e registro escrito.

Com a implementação de práticas pedagógicas lúdicas, acolhedoras e culturalmente sensíveis, a criança passou a demonstrar maior confiança, iniciativa e interesse pelas propostas de leitura e escrita. A valorização de sua identidade cultural e o estabelecimento de vínculo afetivo com as pibidianas contribuíram para a construção de um ambiente de aprendizagem mais seguro e significativo.

Lima (2002) destaca que o vínculo social e afetivo constitui elemento fundamental no processo de alfabetização, pois a aprendizagem não se dissocia das dimensões emocionais.

Figura 03 – Práticas coletivas - educativas e afetivas



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Nesse sentido, os avanços observados na autonomia e na autoestima reforçam a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a criança como sujeito ativo, portador de história, cultura e linguagem próprias. Dialogando com Aparício *et al.* (2023, p. 110), quando afirmam que a “[...] aprendizagem pode contribuir para levantar a autoestima do aluno na medida em que ele se sente acolhido e motivado para a aprendizagem da nova língua [...]”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no âmbito do PIBID permitiu compreender que o processo de alfabetização de uma criança imigrante ultrapassa o domínio técnico do sistema de escrita alfabética, envolvendo dimensões linguísticas, sociais, culturais e afetivas. Ao retomar o

objetivo deste estudo, analisar como práticas pedagógicas lúdicas e interativas contribuíram para enfrentar as dificuldades de uma criança haitiana no processo de alfabetização, observa-se que os avanços alcançados estiveram diretamente relacionados à intencionalidade das intervenções e à valorização da oralidade como base para a apropriação da leitura e da escrita.

Pode-se afirmar que a barreira linguística constitui um fator que interfere significativamente na relação professor-aluno e aluno-aluno, pois é por meio da língua que se estabelece a comunicação, elemento que ultrapassa o ensino de conteúdos escolares e se insere no campo das relações sociais e afetivas. Quando não há compreensão mútua do que é verbalizado, podem emergir situações de isolamento, insegurança e exclusão social. Nesse sentido, a superação dessa barreira não se limita ao avanço acadêmico, mas representa também a construção de pertencimento e integração no espaço escolar.

Os resultados evidenciaram que práticas pedagógicas diversificadas, mediadas de forma acolhedora e fundamentadas teoricamente, favoreceram não apenas o desenvolvimento linguístico da criança, mas também o fortalecimento de sua autoestima, autonomia e participação nas atividades escolares. A articulação entre alfabetização e letramento, conforme discutido por Soares (2020), mostrou-se essencial para garantir que a aprendizagem da escrita estivesse vinculada a situações significativas de uso social da linguagem.

Além disso, a experiência reafirma a importância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência como espaço formativo que possibilita a reflexão crítica sobre práticas pedagógicas, a superação de propostas mecanizadas e a construção de intervenções mais sensíveis às singularidades dos alunos. O contato direto com a realidade escolar, aliado ao embasamento teórico, contribuiu significativamente para a formação das futuras alfabetizadoras.

Conclui-se, portanto, que a alfabetização de crianças imigrantes exige práticas pedagógicas humanizadas, culturalmente sensíveis e intencionalmente planejadas, que reconheçam a linguagem como elemento central de inclusão. A destruição das barreiras linguísticas amplia não apenas os resultados educacionais, mas também as possibilidades de inserção social, garantindo o direito à aprendizagem e à participação plena no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS



APARÍCIO, Ana Sílvia Moço; PIMENTEL, Giseli SOARES; COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. O impacto da cultura escolar brasileira na alfabetização e letramento de crianças haitianas não falantes do português. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 20, n. 2, p. 82-116, 2023.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Sobradinho 107, 2002.

SÉRKEZ, Ângela Maria Batista; MARTINS, Sandra M. Bozza. **Trabalhando com a palavra viva: sistematização dos conteúdos de Língua Portuguesa a partir do texto**. Curitiba: Renascer, 1994.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.